

**Desafios da prática pastoral na contemporaneidade**  
**Possibilidades em uma comunidade pentecostal**  
**The challenges of pastoral practice nowadays**  
**Possibilities in a pentecostal community**

*Eduardo Leandro Alves<sup>1</sup>*  
*Júlio César Adam<sup>2</sup>*

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar os fundamentos da ação pastoral, com vistas a compreender que a ação pastoral e a pregação são interdependentes, cuja relevância está intimamente ligada no envolvimento diário com aqueles que estão no “raio de alcance” pastoral. Inicialmente, com o intuito de compreender o ambiente social em questão, utiliza-se o método de etnografia da pesquisa social. Em seguida utiliza-se caminhos propostos pela Teologia Prática identificando princípios bíblicos para a pregação na ação pastoral com vistas a alcançar o objetivo de cuidar do ser humano conforme os ensinamentos do Evangelho de Jesus. Busca-se alinhar neste texto a teoria com a prática do pesquisador no pastoreio de uma igreja Pentecostal. Assim, as perspectivas aqui registradas não visam a ser exaustivas ou normativas, mas fazem parte de um recorte no exercício pastoral nessa comunidade de fé.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia Prática (Bolsista CAPES) e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), em São Leopoldo/RS. Especialista em Gestão Educacional (UGF). Graduado em Teologia pela FTSA (Londrina, PR), leciona na área de Ética, Religiosidade Popular, Sociologia da Religião e Teologia do AT e NT. Diretor do Centro Educacional da AD na Paraíba. E-mail: eduleandroalves@hotmail.com

<sup>2</sup> Possui Graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), São Leopoldo/RS e doutorado em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha (2004). Desde 2016 é membro da International Academy of Practical Theology (IAPT). País de Origem: Brasil. E-mail: julioadam@est.edu.br.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Pentecostalismo. Ação Pastoral. Pregação. Cuidado. Transformação.

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to analyse the basis of pastoral action in order to understand that both pastoral action and preaching are mutually dependent. The relevance of pastoral action is related to the daily engagement with those who are within the pastoral scope. Firstly, an ethnographic method of social research is used to properly understand the social environment at issue. Secondly, the paths proposed by Practical Theology were followed. They identify biblical principles for preaching in order to reach the goal of caring for the human being according to the teachings of Jesus. An alignment of the theory with the practice of the researcher as shepherding a Pentecostal church is attempted. Thus, the perspectives showed are not intended to be exhaustive or normative but they are taken from an example of the pastoral practice in that faith community.

## **KEYWORDS**

Pentecostalism. Pastoral Action. Preaching. Care. Transformation.

## **Introdução**

Compreende-se que a relevância da pregação (relacionada à comunicação ou à transmissão oral das verdades Divinas com o objetivo de persuadir o ouvinte), está intimamente ligada ao envolvimento da ação pastoral na comunidade. Ao mesmo tempo que a pregação tem como base principal o texto bíblico, também está associada ao dia a dia daqueles que estão no “raio de alcance” da comunidade de fé. Nesse caso, a pregação, que é basilar na ação pastoral, assume as funções que lhe são outorgadas no Evangelho, com vistas ao cuidado do indivíduo, produzindo transformações individuais nas áreas espirituais, físicas, emocionais, e vida social como um todo. Da mesma forma, tais ações produzem alterações na vida comunitária, cumprindo assim, a função transformadora que é base no Evangelho de Jesus.

Busca-se alinhar nesse texto a teoria com a prática do pesquisador no pastoreio de uma igreja Pentecostal. Assim, as perspectivas aqui registradas não possuem o objetivo de serem exaustivas ou normativas, mas fazem parte de um recorte da ação pastoral nessa comunidade de fé.

### 1. Ação pastoral como diaconia

É de fundamental importância, para o que se propõe, destacar alguns conceitos que permearão todo o texto em relação à ação pastoral em uma comunidade Pentecostal Clássica. Mesmo sendo muito complexo fazer uma definição do Pentecostalismo como movimento, pode-se utilizar a classificação das *três ondas* que Paul Freston identificou em seus estudos.<sup>3</sup> Conforme essa proposta, o Pentecostalismo pode ser classificado por período de tempo e organização social da sociedade brasileira. A primeira onda começou no início do século XX, em 1910 através de duas igrejas principais: a Congregação Cristã de 1910 e a Assembleia de Deus de 1911 (embora os Missionários fundadores da Assembleia de Deus tenham chegado em 1910). A segunda onda do Pentecostalismo começou no início da década de 1950 (a Igreja do Evangelho Quadrangular é a mais conhecida entre as igrejas desse período). A terceira onda inicia-se a partir do final da década de 1970, o que hoje é conhecido como os neopentecostais, sendo a Igreja Universal a mais conhecida desse movimento.

Partindo de uma igreja do Pentecostalismo Clássico, busca-se relacionar a compreensão de uma ação pastoral diacônica, ou seja, de um entendimento que o exercício do ministério pastoral é transformador.

Na pessoa de Jesus encontra-se o significado completo de *diakonia* (serviço) para o Novo Testamento. Em Marcos 10.43-45, Jesus estabelece o princípio básico desse servir quando diz: “quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo” (*diakonos* v. 43). E logo em seguida, no versículo 45: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser *servido* (*diakoneo*), mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”.

---

<sup>3</sup> FRESTON, Paul. Pentecostalism in Brazil: a brief history. Religion, Abingdon: Taylor & Francis, n. 2, v. 25, 1995, pp.119-133.

A ideia de servir era tão importante para o Senhor que Ele, como *líder*, dá o maior exemplo: “Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (Jo 13.5). A Igreja do Século I considerava que a sua obra seguia o modelo de Cristo a qual se ocupou em serviços humildes.

Todo o ministério de Jesus Cristo nesse mundo foi de servir ao próximo e de dar Sua vida por este. Percebe-se o aspecto diaconal na vida de Jesus em diversos textos do Novo Testamento, em tudo o que Ele faz está servindo. Por exemplo, quando Ele ajuda nas necessidades de alguém, quando Ele perdoa e cura, quando multiplica o pão, quando questiona autoridades, etc. Assim, Jesus é a base e o exemplo para o viver diaconal. A sua vida e obra é o fundamento bíblico e teológico para a diaconia.

Nas formulações teológicas do apóstolo Paulo há uma expansão ainda maior do conceito de diaconia. Na perspectiva de Paulo todos os dons usados dentro do corpo de Cristo, com o fim de edificar o corpo, são os dons carismáticos de diaconia (1Co 12.4-5). Assim, pode-se dizer que, quando uma pessoa trabalha dentro do corpo da igreja com seus dons, na verdade, ele faz diaconia em favor do próximo, não importando o dom que ele possui. O corpo de Cristo tem essa característica, cada membro tem o dever de servir (*diakonia*) para a edificação do corpo. Servimos a Deus e servimos uns aos outros. O ministério cristão é serviço, não há outra forma de se compreender o ministério que não seja esta.<sup>4</sup>

Paulo também vê a obra de Cristo como diaconia de Deus em Cristo pelos homens. A obra de Cristo é “o ministério (*diakonia*) que produz justificação!” (2 Co 3.9). O termo também é usado para a obra de proclamar o evangelho (2 Co 4.1), e a Igreja inteira é composta por membros, diáconos, que tem a função de servir uns aos outros com seus dons, e ao mundo pregando o “ministério que produz justificação”.

Sendo a prática pastoral diaconal, torna-se necessário esclarecer que a diaconia é mais do que ação social, indo além de projetos. A diaconia bíblica diferencia-se de qualquer outra atividade pública ou ação humanitária, pelo fato de que inclui a partilha da Fé e o convite para uma vida nova, uma vida abundante que só Cristo pode oferecer – vida que

---

<sup>4</sup> ALVES, Eduardo. *Chamados para servir*. Editora Descoberta: Londrina, PR, 2007, p. 10

abrange a reconciliação com Deus, com o próximo e com a criação. Assim, diaconia é uma atitude, o estilo de vida exigido para os discípulos de Jesus. Ser um seguidor de Jesus é seguir o seu exemplo, fazer o que ele fez, ir onde ele foi e cuidar daquilo que Ele cuidou. Obviamente isso vai muito além de uma atividade ou um projeto.

A Prática Pastoral na perspectiva desse texto, como diaconia, não pode ser considerada simplesmente uma atividade de um grupo especialmente interessado em assuntos sociais. Nordstokke<sup>5</sup> afirma que:

a identidade eclesiológica da diaconia faz com que ela não possa ser igualada a ação social, mesmo que na prática possa tomar uma forma semelhante”. A ação diaconal, portanto, tem suas raízes na identidade da igreja como a comunidade dos discípulos de Jesus, o Diácono por excelência.

Charles van Engen,<sup>6</sup> tratando sobre a Igreja local diz que:

o ensino neotestamentário pressupõe que o ministério diaconal faça mais que atender às necessidades da comunidade crente. Diaconia conclama a Igreja a demonstrar – e contribuir para – a criação de uma nova ordem mundial em que a paz, a justiça e a misericórdia reinem sob o senhorio de Jesus. Diaconia não é simplesmente mais uma coisa boa que podemos fazer, ou ainda apenas um braço que deve ser estendido ao mundo em que vivemos. É natureza fundamental da Igreja cristã ministrar a todos os necessitados de todos os lugares. Quando a Igreja missionária de Deus deixa de tomar parte no ministério diaconal, algo de sua natureza missionária deixa de brotar.

Na perspectiva bíblica, qualquer estrutura geradora de morte precisa ser transformada. Nordstokke<sup>7</sup> defende que “a diaconia é profética; [...] onde a vida está ameaçada [...] nessa realidade Deus quer agir, dizendo

<sup>5</sup> NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). Teologia Prática no contexto da América Latina. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 1998, p. 277.

<sup>6</sup> ENGEN, Charles van. Povo missionário, povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 122.

<sup>7</sup> NORDSTOKKE, 1998, p. 61.

através de palavras e ações: Basta! Assim como está não pode continuar”. A proposta é que a ação pastoral não estacione no nível da caridade, mas ela necessita seguir o caminho da justiça, visto que há uma relação direta entre *conhecer a Deus e praticar a justiça*. Deus, por meio do profeta Isaías, repreende o rei Jeoaquim: “Teu pai [...] agiu com justiça e retidão, por isso as coisas iam bem para ele. Julgou a causa do necessitado e do pobre; e as coisas iam bem. Por acaso não é isso o que significa conhecer-me? Diz o SENHOR.” (Jr 22.15,16 NTBLH).

## 2. Onde a Teoria e a prática se encontram

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus na Paraíba teve os seus trabalhos iniciados em 1918, sendo uma das primeiras expansões da “primeira onda” do Pentecostalismo. Desde então implantou igrejas em todo o Estado e diversos outros templos na capital (Congregações da Igreja sede). Nesse contexto, surge a Assembleia de Deus no Bairro de Mandacaru (como congregação), teve seus cultos iniciados no ano de 1943. Nessa época, próximo ao centro da cidade e nas imediações do Bairro dos Estados, que viria a fazer fronteira com a Avenida Epitácio Pessoa, principal avenida da cidade, o bairro de Mandacaru era composto de áreas consideradas pequenas fazendas. Durante esses anos de existência a igreja gerou as demais Congregações da denominação nos bairros adjacentes (sendo 11 templos desde então).

Em 1889 foi construída a Estação Ferroviária em João Pessoa, então chamada de Conde D’Eu. Na década de 1940, o prédio foi derrubado e substituído pela atual construção inaugurada em 10 de novembro de 1942.<sup>8</sup> No entanto, com a decadência da ferrovia como meio de transporte, o trem que ligava a capital ao interior do Estado, foi desativado e, em 1985, voltou a funcionar limitando-se a atender a região metropolitana de João Pessoa, tendo o Bairro de Mandacaru como uma de suas principais estações.

Atualmente, o bairro faz divisa com os bairros: dos Ipês, dos Estados, Padre Zé, 13 de Maio, Alto do Céu e com o município portuário de

<sup>8</sup> <http://www.cbtu.gov.br/index.php/pt/sistemas-cbtu/joao-pessoa> Acesso em 08 de Julho de 2016.

Cabedelo. O Bairro é composto pelas comunidades: Cinco Bocas, Baixada, Beira da Linha, Porto João Tota, Beira Molhada (Granja Machado), Jardim Coqueiral e Jardim Mangueira.

Segundo o censo de 2010 (último senso realizado no Brasil), a população do bairro é de 12.776 pessoas<sup>9</sup> com renda anual de R\$ 10.593,76 (menor que a renda nacional que é de R\$13.356,00 e maior que a média estadual de R\$ 9.312,00<sup>10</sup>).<sup>11</sup> O bairro em si, possui uma infraestrutura razoável, com saneamento básico, ruas calçadas, linhas de ônibus, posto de saúde, um comércio local em desenvolvimento, mas, ao juntar as informações das comunidades possui alto índice de violência e baixo índices no Mapa de Exclusão/Inclusão Social.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=202&z=t&o=4&i=P> Acesso em 11 de julho de 2016

<sup>10</sup> <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1381&z=t&o=4&i=P> Acesso em 11 de julho de 2016

<sup>11</sup> A renda *per capita* média do brasileiro em 2015 chegou a R\$ 1.113, variando entre os R\$ 2.252 do Distrito Federal – o maior valor em todo o país – e os R\$ 509 do Maranhão, o de menor peso. Pela ordem, aparecem São Paulo, a segunda maior renda *per capita* do país (R\$ 1.482); Rio Grande do Sul (R\$ 1.435); Santa Catarina (R\$ 1.368); Rio de Janeiro (R\$ 1.285); Paraná (R\$ 1.241); e Minas Gerais (R\$ 1.128). Além do Maranhão, com R\$ 509, também aparecem com rendimento médio *per capita* abaixo da média nacional: Roraima (R\$ 1.008); Amapá (R\$ 849); Pernambuco e Rondônia (R\$ 822); Tocantins e Rio Grande do Norte (R\$ 818); Sergipe (R\$ 782); Paraíba (R\$ 776); Acre e Amazonas (R\$ 752); Bahia (R\$ 736); Piauí (R\$ 729); Ceará (R\$ 680); Pará (R\$ 672); e Alagoas (R\$ 598). Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-02/ibge-renda-capita-media-do-brasileiro-atinge-r-1113-em-2015> Acesso em 11 de julho de 2016

<sup>12</sup> A desigualdade social se constitui num elemento básico para dimensionar indicadores territoriais no enfrentamento da questão social urbana, principalmente no estudo da relação exclusão/inclusão social e, conseqüentemente, para a elaboração de políticas inclusivas. Sposati retrata esta questão na construção do Mapa da Exclusão/Inclusão Social de São Paulo, quando revela as expressões territoriais das desigualdades sociais. Propõe como dispositivo analítico desse fenômeno estudos transdisciplinares com aplicação de diversas linguagens metodológicas (quantitativa, qualitativa, geoespacial etc.), para análise destas dinâmicas socioespaciais em múltiplas escalas, tendo como referência o território local, a cidade. Mapa da Exclusão/Inclusão Social é uma medida da desigualdade das condições de vida da população entre os territórios de uma cidade e que opera através de três ferramentas: IDI – medida de discrepância que indica a desigualdade em cada variável entre os territórios. PBI – padrão básico de inclusão social que cria a referência de uma condição básica e universal de inclusão no comportamento de uma variável. IEX – índice de exclusão/

Sendo essas comunidades, em sua maioria, desassistidas nas necessidades básicas. Por exemplo, o IEX-DH (índice de inclusão/exclusão – desenvolvimento humano) de Mandacaru, conforme a Pesquisa de Topografia Social realizada pela Prefeitura de João Pessoa, UFPB e outras Universidades, é de 0,04, enquanto que a do Alto do Céu é de -0,04.<sup>13</sup> Já o IEX-QV (índice de inclusão/exclusão – qualidade de vida) do Alto do Céu é de -0,51 e de Mandacaru -0,25.

A igreja Assembleia de Deus está situada na Av. Mascarenhas de Moraes, em uma via principal do bairro, possui uma membresia fixa de 450 pessoas e uma rotatividade de visitantes e congregados (não membros) que fica em torno de 50 pessoas mensal. Entre os membros há: aposentados, professores, advogados, profissionais da área de saúde, profissionais da área de segurança pública, funcionários públicos de várias funções, muitas donas de casas, desempregados, etc. O nível educacional possui grande variação, do semianalfabeto ao pós-graduado.

Junto a essa comunidade de fé, regularmente o exercício do ministério pastoral produz desafios no contato com as necessidades de cada pessoa. No culto de domingo, terça-feira e quinta-feira, quando todos se reúnem (especialmente no domingo e na terça-feira), um visitante desavisado pode acreditar que as pessoas naquele templo estão saradas, não possuem dores emocionais e estão alheias à situação a sua volta.

---

inclusão social que mede as distâncias, para mais e para menos, de cada variável no território. SPOSATI, Aldaíza (coord). *Topografia Social de João Pessoa*. Cedest/IEE/PUCSP. 2009, pp. 18,19.

<sup>13</sup> As variáveis de análise de desenvolvimento humano em João Pessoa consideraram os anos de estudo dos chefes de família. Aqueles acima de 5 anos de estudo foram medidos como inclusão e abaixo mo exclusão. O Centro concentra a população com mais anos de estudo seguido de Brisamar. A pior situação está em São José seguida de Alto do Céu. Já a pesquisa da qualidade de vida mediu variáveis que permitissem avaliar a infra-estrutura disponível em cada bairro da cidade de João Pessoa, bem como, a variação da densidade populacional entre os domicílios. O exame de todas as variáveis mostra que a pior “qualidade de vida” está na Penha seguida do Distrito Industrial e a melhor em Jardim São Paulo seguida de Água Fria. SPOSATI, 2009, p. 61,67.

Confira também estudos realizados por pesquisadores da UFPB: [http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/Documentos/Divulgacao/Divulga%E7%E3o\\_local/AltoCeu.pdf](http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/Documentos/Divulgacao/Divulga%E7%E3o_local/AltoCeu.pdf) Acesso em 30 de Agosto de 2017.



No entanto, no dia a dia, as famílias são assoladas por doenças, pela criminalidade, desemprego e diversos problemas familiares.<sup>14</sup>

A ação pastoral precisa, indubitavelmente, ser conduzida com vistas a atender ao cuidado dessas pessoas na sua integralidade, preocupando-se com suas dores e necessidades. Assim, entende-se que uma Igreja não é feita da sua construção física, do seu prédio, mas de seres humanos que diariamente se reúnem porque creem que em Deus, há uma alternativa possível.

### 3. A relação pastoral é humanizadora e não empresarial

Em muitos círculos eclesiais, a relação pastoral tem sido concebida, no passado e em nossos dias, como uma ação unilateral a partir de alguém que detém certos saberes técnicos que possam ser aplicados de forma satisfatória sobre outra pessoa. Em muitos casos, a ideia é que o pastor em nossos dias passou a ser entendido como um profissional eficiente que domina as respostas, ensaia as posturas adequadas para cada situação, planeja estratégias, administra recursos e tempo, e em muitas ocasiões obriga-se (ou é obrigado) a ser um agente de crescimento de sua igreja ou instituição.<sup>15</sup>

Eugene Peterson<sup>16</sup> escrevendo sobre a ação pastoral e as demandas de uma sociedade de consumo diz:

Meu interesse foi despertado em face da era em que vivo, na qual o trabalho de grande parte da liderança da igreja não é pastoral e nem teológico. A dimensão pastoral desta liderança encontra-se

<sup>14</sup> <http://www.pbhoje.com.br/noticias/31123/tiroteio-no-bairro-de-mandacaru-em-joao-pessoa-mata-servidor-publico-e-deixa-duas-pessoas-feridas.html>  
<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/seguranca-baleado-durante-assalto-morre-no-hospital-de-trauma-em-joao-pessoa.ghtml>

<sup>15</sup> SANTOS, Lyndon de Araújo e ANDRADE, Alek Sandro Silva. “O cuidador e o fenômeno: perspectivas da prática pastoral hoje”. In: BARRO, Antonio Carlos e Manfred Waldemar KOHL (Orgs.). *Ministério pastoral transformador*. Londrina: Editora Descoberta, 2006., p. 56.

<sup>16</sup> PETERSON, Eugene. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro. Editora Textus, 2000, p. 56, 57

muito desgastada pelas influências tecnológicas e administrativas. A dimensão teológica da liderança da igreja foi marginalizada pelas preocupações terapêuticas e de marketing. O trabalho evangelístico de liderar a comunidade dos fiéis a Cristo foi separado de sua fonte. Pelo menos entre os líderes, a mente racionalista passou a dominar as escolas e a atitude funcionalista prevalece nas igrejas a ponto de a Teologia pastoral propriamente dita, mal ser reconhecida. O racionalismo e o funcionalismo, ambos com características redutivas, deixaram a Teologia pastoral magra e anêmica.

De certa forma, em muito lugares isso ocorre porque o modelo de atuação pastoral tem sido profundamente marcado por modelos do mundo empresarial. A forma atual como nosso mundo globalizado tem gerado o capital tem imposto às empresas novas formas de gestão empresarial. A questão é que, em muitas localidades, esses modelos saíram do contexto empresarial e chegaram à igreja. Sabe-se, obviamente, que a igreja tem toda a sua parte institucional, no entanto, os princípios que norteiam uma empresa e uma igreja são distintos (ao menos deveria ser).

Nossas vocações são atormentadas, de um lado, por apetites consumistas, e, de outro, por uma mentalidade mercadológica. A vocação pastoral é interpretada pela congregação como o trabalho de suprir as necessidades religiosas das pessoas no momento em que são solicitadas, ao melhor preço possível; no aspecto eclesiástico, significa satisfazer essas mesmas necessidades rápida e eficientemente. Essas condições reduzem a vocação pastoral à “simples” economia da religião, arrastam-na a uma competitividade inexorável e a entregam nas mãos de peritos em relações públicas e especialistas em *marketing*.<sup>17</sup>

Em muitos casos, por exemplo, o pastor passou a ser um gestor, um capacitador de dons, um animador de um grupo social que utiliza técnicas de estratégias de marketing. A lógica profética, de buscar compreender a vontade de Deus para o povo, começa, então, a ser substituída pela “pesquisa” de satisfação. Assim, o fiel torna-se um cliente, onde o interesse é saber o que o faz feliz, qual “tipo de mensagem” mais lhe agrada.

---

<sup>17</sup> PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. Redescobrimo o chamado ministerial. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008. p. 15.

Nesse caminho, o pastor é capaz de fazer tudo de acordo com os modelos que lhe são colocados, no entanto, “corre o risco de perder sua própria humanidade, sua vocação de ser gente”.<sup>18</sup> Na jornada diária, essa prática *desumaniza* o pastor e as ovelhas, que em vez de serem cuidadas tornam-se consumidoras de um produto religioso. Tais ovelhas assumem um papel de se tornarem “atores coadjuvantes” do ator principal, o líder religioso.

A questão é que a ação pastoral está *umbilicalmente* ligada ao anúncio das Boas Novas do Evangelho. Como anunciadores das Boas Novas deve-se ter a consciência que:

A palavra de Deus reverbera no e através do pregador/a. Deus se digna a precisar de quem prega! [...] Dois cuidados são necessários e imprescindíveis nesse aspecto: o protagonismo da voz da pessoa que prega está totalmente fora do domínio do/a pregador/a e isso não lhe dá direito algum de se colocar na posição do próprio Deus. O/a pregador/a é uma voz humana, onde reverbera a palavra de Deus. Para Barth, essa pessoa não é qualquer pessoa. É pessoa vocacionada por Deus, através da igreja.

O que essa segunda tese nos faz pensar é, justamente, sobre o protagonismo e a importância da voz de quem prega. Só falamos, só pregamos porque cremos em um Deus que fala! Deus quer continuar ecoando essa voz pelos quatro cantos do mundo, por ele criado e mantido.<sup>19</sup>

#### 4. A prática pastoral como ação libertadora

Uma das questões a ser compreendida é que a Teologia precisa ser feita e compreendida em um constante processo de contextualização, ou seja, percebe-se e reconhece-se as diferenças culturais (sejam geográficas, étnicas, ou épocas distintas). Nesse caminho, necessita-se, por parte do teólogo, uma compreensão e sensibilidade Escriturística, uma compreensão

<sup>18</sup> SANTOS, ANDRADE, 2006, p. 57..

<sup>19</sup> ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, v. 53, p. 160-175, 2013. p. 163,164.

de que a Escritura é supra-cultural, de forma que o Evangelho não seja moldado ou “pautado” exclusivamente pela cultura, ou pela moda do dia.

A consciência do caráter intercultural da teologia torna claro o nexos entre a universalidade da mensagem cristã e sua concretização no lugar determinado. Na apropriação pessoal da respectiva cultura e na confrontação sobre ela na instituição igreja se evidencia a vitalidade da comunhão dos santos, que é, assim, levada permanentemente à superação da introversão e à autotranscendência, como corresponde à história bíblica como fonte da igreja e também da história da igreja.<sup>20</sup>

Se Lutero tivesse uma sensibilidade cultural acima da teológica, a Reforma Protestante teria sido uma “reforma cultural” e não Teológica (com reflexos na soteriologia). Sobre isso o antropólogo e missiólogo Ronaldo Lidório<sup>21</sup> sustenta que:

É preciso avaliarmos nossos pressupostos teológicos a fim de guiarmos nossa ação missionária. Martinho Lutero, crendo na integralidade da verdade Bíblica, expôs um Evangelho que fosse comunicável, na língua do povo, com seus símbolos culturais definidos, porém um Evangelho escriturístico e sem diluição da verdade. Sem receio, por diversas vezes ensinou Melancton dizendo: “prega de forma que odeiem o pecado ou odeiem a você”. Se por um lado defendeu uma contextualização eclesiológica traduzindo a Bíblia para a língua do povo, tendo cultos com a participação dos leigos, pregando a Palavra dentro do contexto da época, por outro deixou claro que o conteúdo da Palavra não deve ser limitado pelo receio do confronto cultural. Se sua sensibilidade cultural fosse definidora de sua teologia, e não o contrário, teríamos tido uma Reforma humanista e não da Igreja. Teria sido o início de um movimento de libertação apenas do pensamento e da expressão, um grito por justiça social que não inclui Deus e nem a salvação, ou um apelo pelo resgate da identidade cultural, mas não a condução do povo ao Reino de Deus.

<sup>20</sup> LANGER, Jens. Culto e Cultura. In: SCHMIDT-LAUBER, H.C. et. Al. (Orgs) *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014, p. 225.

<sup>21</sup> RONALDO, Lidório. *Teologia bíblica da contextualização*. Disponível em: <http://ronaldo.lidorio.com.br/wp/teologia-biblica-da-contextualizacao/> Acesso em 5 de Julho de 2017.

É necessário, também, que o labor pastoral, por meio de princípios bíblicos, comunique a fé de forma a produzir mudanças que, muitas vezes, estão arraigadas no indivíduo por pura assimilação cultural. Da mesma forma, cabe ao exercício da pastoral ensinar a comunidade cristã (a comunidade de fé que está sob a sua influência/liderança) a se desprender de determinadas formulações que se perderam no tempo, assim como conceitos teológicos e litúrgicos que muitas vezes estão ultrapassados. Tais conceitos, na maioria das vezes, estão mais atrelados a questões temporais de modelos de vida de determinadas sociedades e épocas (e por isso não têm nenhum significado ao homem moderno) do que a princípios e/ou doutrinas bíblicas que são a-temporais. “A mera repetição de fórmulas teológicas não presta serviço algum ao povo de Deus, muito pelo contrário, essa cantilena só pode provocar fastio e constitui uma infidelidade e irresponsabilidade para com a mensagem cristã”.<sup>22</sup> Dessa forma, conforme o Pr Esdras Bento comenta, “é necessária uma interpretação mais criativa dos dados da fé transformando-os em fonte de conhecimento e renovação do ser humano”.<sup>23</sup>

Assim, a prática pastoral não se deve fechar a análise do contexto no qual deriva-se um grande desafio de contextualização da Mensagem, ao mesmo tempo que motiva a Igreja a cumprir, com fidelidade, a sua Missão de anunciar Jesus até que Ele venha.

## 5. A prática pastoral como cuidado

A ideia de cuidado, ou o significado da palavra, possui uma relação direta com a encarnação de Jesus e com o cuidado de Deus em relação ao povo de Israel, conforme relatado no Antigo Testamento (Is 61.1-3; Ez 34.8-16). Por conseguinte, a ideia de buscar, resgatar, tomar conta, ungir, curar e consolar demonstra claramente o cuidado de Deus sobre a pessoa.

<sup>22</sup> BENTO, Esdras. Teologia Pastoral e autonomia do sujeito. *CPAD News*, 2016. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/102/teologia-pastoral-e-autonomia-do-sujeito-na-modernidade.html> Acesso em 10 de agosto de 2017.

<sup>23</sup> BENTO, *Teologia Pastoral e autonomia do sujeito*. 2016. Acesso em 10 de agosto de 2017.

Cuidar possui uma infinidade de implicações e pode ser analisado de diversos ângulos. Na relação pastor/ovelha a ideia é que um indivíduo intervém sobre a situação carente do outro com vistas a que encontre cura, recuperação, alívio. Assumindo dimensões, sociais, médicas, pastorais, terapêuticas e espirituais.

No Novo Testamento (1Pe 5.1-4; Lc 4.18,19), a perspectiva da salvação é bem abrangente, como por exemplo significando saúde. “Salvar equivalia a curar e Jesus não fez separação entre essas perspectivas. No Antigo Testamento o profeta Ezequiel já havia colocado tal dimensão pastoral”.<sup>24</sup> Diz o texto do profeta: “Eu mesmo buscarei minhas ovelhas e delas cuidarei. Assim como o pastor busca as ovelhas dispersas quando está cuidando do rebanho, também tomarei conta de minhas ovelhas. Eu as resgatarei de todos os lugares para onde foram dispersas num dia de nuvens e de trevas” (Ez 34.11,12).

Como vivenciar esse cuidado na prática? No mês de maio de 2016 ocorreu um crime (entre tantos outros que ocorrem) em uma das comunidades da região de Mandacaru, conforme reportagem do Portal G1 Paraíba:

Uma adolescente de 13 anos foi morta a tiros na noite desta sexta-feira (20) em João Pessoa. O crime aconteceu no Alto do Céu, em Mandacaru. Um jovem de 19 anos, que estava com a adolescente, também foi baleado e foi encaminhado para o Hospital de Emergência e Trauma de João Pessoa.

saiba mais.

O rapaz que ficou ferido informou à polícia que namora a tia da menina há cerca de quatro meses e que estavam em uma casa quando os atiradores invadiram o local. Ele explicou que ele e a menina foram levados para a beira do mangue, um local de difícil acesso para serem mortos.<sup>25</sup>

A dona da casa que foi invadida é uma das frequentadoras da igreja (congregada). A menina, sua filha, foi morta. No culto seguinte ela estava na igreja, buscando auxílio espiritual, consolo e compartilhando que não conseguia dormir, pois a cena não saía de sua mente.

<sup>24</sup> SANTOS, ANDRADE, 2006, p. 65.

<sup>25</sup> <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/05/adolescente-e-morta-tiros-e-jovem-ferido-em-joao-pessoa.html> Acesso em 11 de Julho de 2016.

No mesmo dia do acontecido narrado acima, mais um fato ocorreu. Dessa vez, um dos envolvidos era esposo de uma irmã da igreja (membro). Fazia cerca de 20 dias que eu o havia encontrado na porta da igreja, quando foi deixar sua esposa, e o convidei para que voltasse a frequentar regularmente a igreja junto com sua esposa e filha (uma menina de 5 anos). Assim relatou o Portal G1 da Paraíba:

Dois homens morreram na tarde desta sexta-feira (20) após fugirem de uma equipe da Polícia Militar no município de Pedro Régis, no Litoral Norte da Paraíba. Segundo o major Cristovão Lucas, eles estavam em um carro e fugiram quando viram a viatura da polícia. Na fuga, o carro dos suspeitos capotou.

Um dos ocupantes do carro ficou gravemente ferido no acidente. Em seguida, o outro saiu do veículo e trocou tiros com a polícia. Ele também se feriu, mas durante o confronto. Os dois ainda foram levados pela própria PM para o hospital de Mamanguape, mas não resistiram aos ferimentos e morreram.<sup>26</sup>

Ao saber do acontecido buscou-se contato com a irmã. Ela relatou que não tinha nenhum conhecimento sobre essa “suposta vida do marido”, segundo ela, ele trabalhava em uma pequena empresa de monitoramento eletrônico e segurança predial. A igreja tratou apoiar a viúva, levando-a, junto com um grupo de irmãs da igreja, para uma pequena cidade do interior onde seria o sepultamento.

Em João Pessoa, ao voltar da viagem, buscou-se acompanhar a viúva e atendê-la em suas necessidades emocionais e cuidado familiar (inclusive com o envolvimento do departamento feminino).

## **6. Pregação e ações práticas no cuidado pastoral**

A ação pastoral, quotidianamente, depara-se com pessoas em situação de vulnerabilidade. Mas, como poderia ser definida a questão da vulnerabilidade que é bastante ampla?

---

<sup>26</sup> <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/05/dois-homens-morrem-apos-acidente-ao-fugirem-de-policiais-na-paraiba.html> Acesso em 11 de julho de 2016.

De modo geral, conferências mundo afora abraçaram a ideia que a vulnerabilidade pode se prender a condições sociais e culturais. Neste ponto de vista, uma pessoa que vive na rua é mais vulnerável a diversos riscos dos que outros, por exemplo: doenças, ataques, roubos, etc. No entanto, uma pessoa analfabeta também se encontra numa situação de vulnerabilidade, já que dificilmente pode ter acesso ao mercado do trabalho e, por conseguinte, satisfazer as suas necessidades.

Mas não apenas os excluídos, empobrecidos e discriminados podem ser enquadrados como vulneráveis. Também as elites abastadas do contexto acabam se tornando vulneráveis. Muitas vezes, inclusive, aqueles em situação de exclusão, os vulneráveis, são acusados pela vulnerabilidade daqueles que têm livre e amplo acesso aos bens de consumo e às condições sociais dignas. No caso da violência urbana, é um exemplo típico. Ou seja, o mesmo sistema que gera e mantém pessoas em situação de vulnerabilidade culpabiliza os vulneráveis pelo risco de vulnerabilizar os detentores de poder e recursos sociais. Nessa situação, a vulnerabilidade é vista como ameaça e resolver a vulnerabilidade dos excluídos expressa também o desejo de superar a vulnerabilidade dos que não estão excluídos do sistema. A segurança vira sinônimo de uma vida sem vulnerabilidade.<sup>27</sup>

É exatamente nesse contexto que se enquadra a ação pastoral. O pastor se relaciona e busca cuidar daqueles que estão em situação de vulnerabilidade porque, de alguma forma, foram *aleijados* do sistema, estão à margem da sociedade, vivendo com subempregos, baixa qualificação profissional, baixa (ou nenhuma) educação formal, famílias desestruturadas, atendimento de saúde precário, entre outros.

Por outro lado, há os que se sentem vulneráveis porque o seu patrimônio foi perdido, pelo medo de se locomoverem. São vulneráveis pelo medo da insegurança. Em uma Igreja como a Assembleia de Deus em Mandacaru, esses dois grupos de “vulneráveis” se encontram. Acima de tudo buscam esperança, buscam orientação. São pessoas que precisam

---

<sup>27</sup> ADAM, Júlio César. Pregando vulnerabilidade: a teologia da libertação, a ética do cuidado e a pregação no contexto brasileiro e latino-americano? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 54, p. 350-362 jul./dez. 2014.



ser cuidadas. A vida quotidiana produz aflição e as pessoas “estão aflitas e exaustas como ovelhas que não tem pastor” (Mt 9.36).

Conforme Luiz Carlos Ramos, “a tarefa homilética consiste em presentificar, à luz da memória das fontes da fé, a experiência de Deus na nossa História, hoje, e nos desafiar a dar passos concretos rumo à consumação da fé na esperança da plenitude do reinado de Deus.”<sup>28</sup>

Trata-se de uma questão epistemológica crucial que pretende deslocar definitivamente o acento para o humano, ou melhor, para as relações divino-humanas (diferente do que faz o humanismo secularizado individualista). Essa nova epistemologia contrasta com o modelo medieval, cuja ênfase recai sobre a reduplicação de um conteúdo dogmático, e o midiático, que reforça o ajustamento a um status religioso regido pela economia de mercado e que assume como critério de normalidade a espetacularização da fé. [...] A homilética da igreja do futuro deverá ser mais protestante do que nunca, para confrontar os abusos da religião espetacular e sua desenfreada comercialização de indulgências cibernéticas e tecnológicas.<sup>29</sup>

Na ideia do cuidado, percebe-se a preocupação de Deus com a humanidade. Os textos de Mateus 9.34-38; 11.28-30; João 21.15-19, entre outros, indicam que Deus está interessado em cuidar das pessoas, que Deus busca amar, cuidar e oferecer descanso para as almas que estão pesadas, cansadas e oprimidas. Como Igreja de Jesus, a mensagem anunciada ultrapassa a temporalidade com as suas vulnerabilidades quotidianas, pois apresenta a salvação como algo presente e ao mesmo tempo tempo escatológica. Como diz o Apóstolo Paulo: “se esperamos Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (1Co 19.19).

A recomendação bíblica orienta: “Procura conhecer o estado das tuas ovelhas...” (Pv 27.23). Obviamente, ao dar essa orientação, o sábio Salomão tinha em mente o ofício pastoril, aquele que pastoreia, cuida

<sup>28</sup> RAMOS, Luiz Carlos. A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro. In: REBLIN, Iuri A.; VON SINNER, Rudolf (Orgs.). *Religião e Sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012, p. 138.

<sup>29</sup> RAMOS, 2012, p. 141

do rebanho, o responsável pelas ovelhas. Pode-se inferir que é isto que a Bíblia quer passar com a função de pastor, em todas as suas figuras, tanto no Novo como no Antigo Testamento. Como afirma Jeremias: “E vos darei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com ciência e com inteligência” (Jr 3.15).

Durante a semana que ocorreram esses fatos trágicos (demonstrados nas reportagens anteriores), era notório que as pessoas sentiam-se acuada, afetadas por esses acontecimentos. Buscou-se, então, apresentar uma série de mensagens que abordavam temas da violência e da perda; fé e esperança, amor e cuidado de Deus por nós.

Somando-se ao acompanhamento pessoal/pastoral, assim como trabalhos dos líderes de departamentos da igreja, realizou-se uma série de ações práticas com vistas a ampliar o cuidado com a comunidade de fé e com o bairro em geral. Dois exemplos:

1) Realizou-se um curso intensivo de capelania, onde a ênfase estava sobre a necessidade de capacitar os membros de uma forma geral, para oferecer auxílio espiritual e emocional (independente de ser o pastor da igreja) aos que estão em situações de doença (visita hospitalar ou doméstica), ou sofrendo questões relacionadas ao cerceamento da liberdade (seja o apenado do sistema prisional ou membros de sua família que sofrem junto).

2) Criou-se um curso (gratuito) preparatório para o ENEM, com professores renomados na cidade, que funciona nos dois meses que antecedem o exame. O templo possui infraestrutura de auditório, com ar condicionado, sistema de mídia, sonorização, etc., o que possibilita uma experiência diferente do que a maioria tem em suas escolas (públicas). O Objetivo é capacitar os jovens, não apenas os que são membros da igreja (seja de Mandacaru, ou das congregações vizinhas), mas os jovens da comunidade em geral. Todos os professores são membros da igreja (da localidade ou de outros bairros vizinhos), profissionais altamente qualificados que fazem este serviço voluntariamente. Dessa forma abre-se possibilidades de envolvimento na igreja de pessoas que, às vezes, separam sua vida profissional do serviço a partir da igreja local. Foi realizado um projeto piloto com bons resultados e, a cada período, vem sendo ampliado.

Com isso, entende-se que a ação pastoral quanto ao mundo é dupla. Em primeiro lugar, como uma teologia contextualizada, envolve o discernimento das normas e pressupostos religiosos, no qual estão envolvidos os atos de cuidado, tanto pastorais como seculares. Segundo, ela requer a articulação de normas públicas alternativas derivadas da tradição cristã.<sup>30</sup> Daí a pastoral adquire também uma dimensão de Teologia Pública.

### Considerações Finais

Uma análise bíblica na qual o leitor/estudante não exerça um sentimento de superioridade sobre o texto, mas que se permita ser confrontado pelo texto bíblico e, humildemente, busque pautar a sua vida pelos princípios do Reino, certamente o levará a modelos centrados na pessoa de Jesus. Um modelo que visa servir a Deus servindo às pessoas. Que busca o cuidado com o ser humano de forma integral. Que está preocupado com o seu desenvolvimento como pessoa. Que olha para um jovem e se preocupa com as escolhas que ele fará; não faz (e nem pode) fazer as escolhas por ele, mas busca apresentar os princípios corretos para que ele consiga tomar a decisão. Que olha para o casal e se preocupa se estão vivendo harmoniosamente, se os filhos estão sendo obedientes.

Acima de tudo, preocupa-se se a igreja está servindo e amando a Deus; se está exalando o bom perfume de Cristo, da sua Graça, nesse mundo malcheiroso e se mantém viva a esperança de novos Céus e nova Terra. Como diz Apóstolo Paulo, “assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação; Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus. Àquele

---

<sup>30</sup> BENTO, *Teologia pastoral e a autonomia do sujeito na modernidade*. 2016. Acesso em 10 de agosto de 2017.

que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.17-21).

### Referências

- ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, v. 53, p. 160-175, 2013.
- ADAM, Júlio César. Pregando vulnerabilidade: a teologia da libertação, a ética do cuidado e a pregação no contexto brasileiro e latino-americano? *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 54, p. 350-362 jul./dez. 2014.
- BENTO, Esdras. *Teologia pastoral e a autonomia do sujeito na modernidade*. CPAD News, 2016. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/102/teologia-pastoral-e-autonomia-do-sujeito-na-modernidade.html>. Acesso em 10 de agosto de 2017.
- PETERSON, Eugene. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro. Editora Textus, 2000.
- PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. Redescobrimo o chamado ministerial. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008. p. 15.
- RAMOS, Luiz Carlos. A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro. In: REBLIN, Iuri A.; VON SINNER, Rudolf (Orgs.). *Religião e Sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 137-146.
- SANTOS, Lyndon de Araújo e ANDRADE, Alek Sandro Silva. “O cuidador e o fenômeno: perspectivas da prática pastoral hoje”. In: BARRO, Antonio Carlos e Manfred Waldemar KOHL (Orgs.). Ministério pastoral transformador. Londrina: Editora Descoberta, 2006.
- LANGER, Jens. Culto e Cultura. In: SCHMIDT-LAUBER, H.C. et. Al. (Orgs) *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.
- LIDÓRIO, Ronaldo, *Teologia Bíblica e contextualização*. Disponível em: <http://ronaldo.lidorio.com.br/wp/teologia-biblica-da-contextualizacao/#respond>. Acesso em 5 de Julho de 2017.
- Disponível em: <http://www.cbtu.gov.br/index.php/pt/sistemas-cbtu/joao-pessoa>. Acesso em 08 de Julho de 2016.

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=202&z=t&o=4&i=P>. Acesso em 11 de julho de 2016

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1381&z=-t&o=4&i=P>. Acesso em 11 de julho de 2016

<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/05/adolescente-e-morta-tiros-e-jovem-fica-ferido-em-joao-pessoa.html>. Acesso em 11 de Julho de 2016.

<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/05/dois-homens-morrem-apos-acidente-ao-fugirem-de-policiais-na-paraiba.html>. Acesso em 11 de julho de 2016.

Submetido em: 20/09/2017

Aceito em: 15/12/2017